



DIANTE DO MONUMENTO em homenagem a Galdino, um índio cricati, vindo de Pernambuco, fuma o cachimbo da paz no ato que lembrou o assassinato do pataxó

# Assassinato do índio pataxó Galdino é lembrado com manifestação em Brasília

No segundo aniversário do crime, não há previsão de julgamento dos criminosos

• BRASÍLIA. O Dia do Índio, comemorado ontem, virou um dia de protesto na capital federal. Cerca de 200 pessoas promoveram uma manifestação na Praça do Compromisso, onde há quase um ano o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos foi queimado quando dormia num ponto de ônibus por cinco jovens de classe média alta de Brasília. O protesto começou logo cedo e foi liderado por índios da tribo cricatis, de Pernambuco, que fizeram questão de lembrar que os quatro assassinos maiores de idade, mesmo estando presos, ainda não foram julgados.

Por volta das 8h, os primeiros manifestantes começaram a chegar à Praça do Compromisso, onde está exposta uma escultura do artista plástico Siron Franco, feita em homenagem a Galdino. Um grupo de índios cricatis depositou flores junto à escultura. Em seguida, dançaram em volta da obra e acenderam um cachimbo da paz. O protesto foi aos poucos chamando a atenção de quem passava pelo local, sobretudo, de crianças que queriam ver o ritual indígena. No final da manhã, os índios se incorporaram a uma outra manifestação realizada na cidade: A caminhada pela paz.

## Empresários de Brasília cederam carro de som

Com direito a um carro de som, cedido por empresários locais, a passeata pela paz cruzou Brasília e marcou o lançamento da Campanha Nacional Contra a Violência e pela Paz, que prevê um conjunto de ações junto à comunidade para reduzir o índice de violência na cidade e depois em todo o país. A caminhada seguiu até a Torre de Televisão, onde aconte-

ceriam shows de dança, teatro e pára-queda para entreter os manifestantes. O ato contou com o apoio da Unesco e da seção de Brasília da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-DF). Duas cidades satélites do Distrito Federal, Taguatinga e Ceilândia, também promoveram atos contra o aumento da violência ontem pela manhã.

Um ano depois do cruel assassinato do índio Galdino Jesus dos Santos, que foi queimado vivo, não há qualquer previsão da data em que os autores do crime serão julgados. Com a conversão do crime de homicídio triplamente qua-

lificado para lesão corporal seguida de morte, determinada em agosto de 1997 pela presidente do Tribunal do Júri de Brasília, a juíza Sandra de Santis Mello, os jovens poderão ser libertados assim que forem julgados.

Segundo a promotora do caso, Maria José Miranda Pereira, a pena prevista por lesão corporal é de oito anos, mas como os criminosos têm bom comportamento e são primários gozam do privilégio de cumprir apenas um sexto do tempo, ou seja um ano e quatro meses. Como já estão presos há um ano, teriam que passar só mais quatro meses na cadeia. ■

## O FIO DA MEADA

### Queimado vivo no Dia do Índio

• Galdino Jesus dos Santos, de 44 anos, foi queimado vivo na madrugada de 20 de abril, logo após as comemorações do Dia do Índio (19 de abril), enquanto dormia no ponto de ônibus em Brasília. Ele fora impedido de entrar na pensão na qual estava hospedado porque retornara tarde demais. Cinco rapazes de classe média alta passaram num Monza preto, jogaram sobre ele um líquido inflamável, atearam fogo e saíram em alta velocidade, deixando o índio ardendo em chamas. Socorrido por um casal, Galdino foi internado em estado grave no Hospital da Asa Norte, com 95% do corpo queimados, e morreu horas depois. Os cinco rapazes foram presos graças a uma testemunha que anotou a placa do carro. Um deles, Antônio Novelty Cardoso de Villanova, é filho do juiz federal Novelty Villanova da Silva Reis. Outro, Max Rogério Alves, é enteado do ex-ministro do Tribunal Superior Eleitoral Valter Medeiros. O menor G., o único condenado a três anos de internação no Centro de Atendimento Juvenil Especializado, foi libertado no dia 12 de setembro do ano passado.

## Índios discutem suas experiências na Bahia

Tribos tentam resgatar suas tradições

• Debater as experiências das diversas tribos brasileiras. Este é o espírito do Projeto Arapoty — O Grande Encontro, organizado pelo Instituto Nova Tribo, em parceria com a Fundação Peirópolis, que se iniciou anteontem e que vai até amanhã, em Porto Seguro.

O Instituto Nova Tribo é fruto da experiência acumulada ao longo de cinco anos de pesquisas, estudos e práticas indígenas. Partindo do resgate da medicina nativa brasileira, ou seja, da medicina praticada pelos três troncos raízes do Brasil — Tupi, Jê e Aruak —, índios brasileiros estão tentando resgatar a maneira como os índios lidaram milenarmente com a fitoterapia, a cura através dos quatro elementos (água, fogo, terra e ar) e as danças tribais. Segundo Kaka Werá Jecupé, um índio de origem txucarãmê que lidera a Nova Tribo, foi isso que levou à idéia de preparar o Projeto Arapoty.

— O Nova Tribo também nasceu com o propósito de viabilizar projetos que permitam o desenvolvimento cultural, econômico e espiritual das comunidades indígenas — explica Kaka.